

## **ENTRE DIZER E NEGAR: O DISCURSO NEGACIONISTA DE JAIR BOLSONARO SOBRE A COVID-19**

Diana Antoniazzi Furtado<sup>1</sup>

A reflexão acerca dos discursos tem sido um compromisso e um desejo que nos move, desejo intensificado ao se vivenciar o momento histórico da covid-19 e os discursos sobre a pandemia, catalisadores na vida de todos nós. A inquietude e o desconforto que permearam sentidos perante às falas do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, mobilizou-me a mergulhar nesse espaço nutrido de sentidos. Acredito que a brecha para a busca dos efeitos de sentidos foi cingida pelo meu encontro com a Análise do discurso (AD) e ratificada pela reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto do já feito (Pêcheux, 2015, p. 7).

Nesses termos introdutórios, em que espaço cabe o valor da vida<sup>2</sup>? A partir desse questionamento, entre outros que mobilizaram meu percurso/interesse por este objeto de estudo, buscamos analisar o funcionamento do discurso negacionista de Jair Bolsonaro durante a pandemia e seus efeitos de sentido sobre a vida e a ciência, a partir das falas diretas recortadas do relatório final da CPI da covid-19. Optamos por esse documento por ser oficial, instaurado em meio ao agravamento da crise sanitária nas omissões, nas irregularidades, e, principalmente, no caos gerado pela falta de oxigênio na cidade de Manaus. Ainda, o documento se faz demasiadamente relevante, pois além do levantamento das falas negacionistas do ex-presidente, o detalhamento das apurações, das ações e das omissões do Governo Federal no período da pandemia implicam sobretudo na identificação, na sistematização e na revelação do negacionismo em detalhes que se instalaram no Estado brasileiro, esboçando uma resposta à pandemia.

Com base no exposto, destaca-se o comprometimento teórico firme e responsável requerido ao tratar falas negacionistas de Jair Bolsonaro a partir do, então, lugar ocupado por ele na Presidência da República. Dada a premissa, o método científico da AD é construído pelo próprio pesquisador — pesquisa discursiva — e implica, portanto, num movimento teórico analítico empreendido pelo gesto do analista do discurso, dessa forma num gesto interpretativo que vai pendular, conforme menciona Petri e Dias (2013, p.40): “a Análise do discurso é uma disciplina de entremeio e o dispositivo teórico-metodológico da AD se constrói num movimento pendular entre teoria e análise”.

É nesse cenário fértil que, a partir do discurso, e dos pressupostos teóricos — sujeito, ideologia, formação discursiva e memória — imbricados no quadro teórico da AD, podemos estabelecer um gesto de escuta e, então, perceber os movimentos vivos da linguagem, provocando deslocamentos e sentidos

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), linha 2, Análise do discurso.

<sup>2</sup> Aqui, gostaria de fazer referência aos 704 mil mortos por Covid-19, segundo Ministério da Saúde (Brasil, 2023).

variados. A configuração do discurso de Jair Bolsonaro como negacionista, segundo Gilson (2022), vai além do que circula no senso comum, fundamentado na produção de negações, seja com ou sem a presença de advérbios de negação. Nesse sentido, o negacionismo é assentado no descrédito de fatos consensuais, ou seja, a partir de construções discursivas cuja aparência de racionalidade, na verdade, escondem posições ideológicas. Dito isso, o negacionismo

tem como propósito não simplesmente revisar, passar a limpo algum evento histórico ou uma descoberta científica, mas, sobretudo, negá-los a partir de determinados valores e crenças pessoais. Há nele um desejo de fazer parecer que o tema em jogo se trata de algo falso, mentiroso, a partir de uma aparência de racionalidade. São apresentados supostos fatos, versões de obras revisadas, gráficos, artigos, no intuito de criar um efeito de algo credível. Os efeitos de real visam conferir credibilidade ao discurso (Lima, 2020, p. 391).

Portanto, a ideia nessa comunicação não é tipificar o discurso, mas, sim, explorar o seu funcionamento discursivo. Para o empreendimento analítico, selecionamos a declaração proferida pelo ex-presidente em 24 de março de 2020<sup>3</sup> durante o pronunciamento em rede nacional.

**SD1** – O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. [...] No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma “gripezinha” ou “resfriadinho”, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio fabricado no Brasil e largamente utilizado no combate à malária, lúpus e artrite (Brasil, 2021, p. 135).

Para a análise, partimos dos períodos iniciais: “O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. **Nossa vida** tem que continuar. Os **empregos** devem ser mantidos. O **sustento** das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à **normalidade**” (Brasil, 2021, p.135, grifo nosso). Ao analisarmos a materialização discursiva, percebemos que esses dizeres mobilizam um discurso de negação da pandemia que podem ser confirmados pelo movimento parafrástico: “O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará” (Brasil, 2021) — o vírus não chegou, não está sendo enfrentado por nós e brevemente não passará porque não existiu. À esteira do movimento parafrástico, segundo Orlandi (1999), no movimento do dito e do não-dito, mobilizamos, além do contexto imediato, o contexto sócio-histórico-ideológico, que faz parte das condições de produção. Ou seja, enquanto se apaga a negação, emergem os atravessamentos capitalistas constituintes: vida, emprego, sustento, normalidade. Assim, o que está posto, rege que a vida é pautada no emprego, no trabalho, na manutenção do sustento e, nessas condições, na normalidade, dito de outro modo, só se sustenta quem pode trabalhar. Logo, quando

<sup>3</sup> O pronunciamento está disponível na íntegra no relatório final da CPI referenciado em Brasil (2021).

se traz a normalidade, apaga-se a crise sanitária, fazendo emergir a formação discursiva capitalista<sup>4</sup>. Associado a isso, podemos pensar: quem deve voltar ao trabalho? Aqueles e aquelas que precisam do emprego para o próprio sustento. Nesse tom, o impacto aos desfavorecidos, cuja realidade não permite o isolamento, é diretamente sentido na subsistência. Logo, a (falta de) dignidade expõe que a repercussão econômica representa uma ameaça maior que o próprio vírus, conforme Žižek (2020, p. 127).

[...] lógica da ordem econômica vigente em nosso modo de vida como um todo, de forma que, se escutarmos o alerta dos epidemiologistas e reagirmos a ele tentando escapar de nossa realidade (implementando políticas de isolamento e *lockdown* etc.), acabaremos ensejando uma catástrofe ainda maior (pobreza e sofrimento) que a pequena porcentagem de mortes decorrentes do vírus”.

Ainda na SD1, “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma ‘gripezinha’ ou ‘resfriadinho’, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão” (Brasil, 2021, p.135). Nesse excerto declarativo, resgato, pelo viés da memória, a linguagem do terceiro Reich (LTI)<sup>5</sup>. Aqui, destacamos a supervalorização do esporte em detrimento, por exemplo, do intelecto. O foco linguageiro da LTI, segundo Klemperer (2009), era preparar homens para o combate, não havia espaço para os que não estivessem no pódio. As marcas linguísticas do esporte, principalmente do boxe, foram recursos do Terceiro Reich para marcar a proeza física, assim como desviar o foco dos reais problemas que ocorriam na Alemanha de 1933 — o desemprego, por exemplo. Essas narrativas contribuíram para a popularização e glorificação do esporte na Olimpíada de 1936, inserindo a Alemanha como liderança cultural do mundo civilizado, e constituíram as marcas da LTI que inculcou a ideia do guerreiro esportista preparado para a guerra. Dessa forma, Joseph Goebbels, ministro da propaganda na Alemanha nazista, que se valia desses recursos, aproximava-se da linguagem das massas e, por consequência disso, sua estratégia discursiva era focada: “Temos de falar a língua que o povo compreende. Quem quiser se comunicar com o povo tem de fazer como Martinho Lutero dizia, olhar para a fuça do povo” (Klemperer, 2009, p. 351).

No contexto discursivo em análise, cabe aqui estabelecer a relação de se colocar na condição de não ser afetado pela covid-19, marcado discursivamente pelo advérbio de negação “não” e pela expressão “nada sentiria”, já que fora atleta. Indicando o modo como a linguagem de Bolsonaro é atravessada pelo programa pedagógico de Hitler. De acordo com Piovezani e Gentile (2020, p. 27), “[Bolsonaro] coloca o preparo físico em primeiro lugar, enquanto a formação intelectual e seu conteúdo científico ficam por último,

<sup>4</sup> A formação discursiva capitalista é tomada aqui pela construção de que o econômico sempre deve estar na vanguarda das políticas empreendidas no governo Bolsonaro desde que assumiu a presidência do Brasil em 2019. Segundo Piovezani e Gentile (2020, p. 236), “Ainda em seu primeiro mês de governo, no dia 22 de janeiro de 2019, Bolsonaro fez um discurso de abertura do Fórum Econômico em Davos [...] Bolsonaro não se estendeu nem sequer por 7 minutos. Basicamente, sua intervenção consistiu em uma promessa de bons negócios para capitalistas e financistas do Brasil e, principalmente, do mundo”.

<sup>5</sup> Tomamos a definição de LTI (do latim, *lingua tertii imperii*, traduzido para Linguagem do Terceiro Reich): “A LTI transforma tudo em apelo e exclamação e usa *ad nauseam* o que podemos chamar de aspás irônicas. Na LTI, o emprego irônico predomina largamente sobre o neutro, pois ela odeia a neutralidade. Precisa sempre de um adversário a ser rebaixado” (Piovezani; Gentile, 2020, p. 13).

sendo admitidos a contragosto, com desconfiança e desprezo”. Ou ainda segundo prefácio da obra de Žižek (2020), os momentos da peste e da guerra impõem que os “improdutivos” devem ser deixados para trás. Em “a lógica do sacrifício: deixemos os velhos, os incapazes, os inaptos morrerem para os jovens e produtivos sobreviverem” (Žižek, 2020, p.15).

Nessa lógica da “seleção” estabelecida pela Alemanha nazista, o foco era eliminar crianças, deficientes mentais e doentes terminais. Dessa forma, Hitler retirava o peso do Estado, estipulando que os “improdutivos” fossem deixados para trás. Nessa medida, Jair Bolsonaro, enuncia que fora uma atleta como uma condição de ser superior, a exemplo do que Hitler estabeleceu com suas narrativas da supremacia da raça ariana francamente discursivizadas durante seu regime, atrelado às práticas eugenistas. Nessa lógica, Bolsonaro, em seu discurso aliado à pauta governamental, não estaria impondo uma nova forma de ordem social? Segundo Žižek (2020, p. 133), a pandemia seria marcada por um novo capitalismo bárbaro,

[...] muitos fracos e idosos serão sacrificados e abandonados à morte, os trabalhadores terão de aceitar um padrão muito mais baixo de vida, o controle digital de nossa vida perdurará como uma característica permanente, as distinções de classe devem se tornar ainda mais que hoje uma questão de vida ou de morte.

Considerando os aspectos introdutórios e analíticos, o fechamento deste trabalho não traz conclusões, mas sim, reflexões e questões em suspenso frente à prática discursiva negacionista de Bolsonaro durante a pandemia de covid-19. Portanto, a partir das reflexões empreendidas, podemos pensar em um discurso negacionista (re)ssignificado, em especial no Brasil, uma vez que foi ganhando força, corpo e voz oficial durante o período pandêmico, trazendo à tona esses processos de negação da ciência, do discurso científico, e o descaso com a vida. Ou seja, um discurso atravessado pelas marcas do capital em que a economia precisa sobreviver ainda que muitos tenham que morrer. Dito isso, essa prática e o discurso de Bolsonaro ressignificam, de certo modo, o que se caracteriza como discurso negacionista, porque o produzem a partir de um lugar institucional. Nessa esteira, é premente registrar e circular os não-ditos, ou seja, fazer trabalhar a memória discursiva que resgata a lembrança e a repetição emergindo os sentidos que ficam à deriva mesmo quando (re)ssignificados, isto é, evocam o espaço de memória de sua proveniência (Indursky, 2013, p. 101). Precisamos, como analistas de discurso, polir as opacidades e à esteira dos ensinamentos de Pêcheux (2015, p. 148):

[...] aparece cada vez mais explicitamente a preocupação de se colocar em posição de entender esse discurso, a maior parte das vezes silencioso, da urgência às voltas com os mecanismos da sobrevivência; trata-se para além da leitura dos grandes textos [...], de se pôr na escuta das circulações cotidianas, tomadas no ordinário do sentido.

À luz das preleções de Pêcheux, que postulam e deslocam para as sequências discursivas analisadas (SDs), é preciso pensar o sentido de dias difíceis na história, a exemplo do que brasileiros e brasileiras viveram. Uma boa lanterna para incidir o sentido de resistência deixado por Pêcheux ([1982]1990, p.17): “não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou

repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio: mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras”.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Relatório final da CPI, Senado Federal.** 2021. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4>. Acesso em: 6 jul. 2023.
- BRASIL. **Número de óbitos e casos por COVID-19 no Brasil.** 2023. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 6 jul. 2023.
- GISLON, Daniela. **Discurso, política e poder:** o negacionismo na pandemia de covid-19 no Brasil. 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/50d1e017-88d8-4e2d-b2a2-0b5cb9bc0b3b>. Acesso em: 18 dez. 2023.
- LIMA, H. Discursos negacionistas disseminadas em rede. **Revista ABRALIN**, S.I, v. 19, n. 3, p. 389-408, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1758/>. Acesso em: 15 out. 2022.
- KLEMPERER, Victor. **LTi:** a linguagem do Terceiro Reich. Trad. Miriam Bettina Paulina Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
- INDURSKY, Freda. O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e a deriva. **Signo y Señá**, v. 1, n. 24, p. 91-104, dez. 2013.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, M. [1983] **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2015.
- PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 7-24, 1990. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636823. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823>. Acesso em: 11 out. 2022.
- PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. **Análise do discurso em Perspectiva:** Teoria, método e análise. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.
- PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emilio. **A linguagem fascista.** São Paulo: Hedra, 2020.
- ŽIŽEK, Slavoj. **Pandemia:** Covid-19 e a reinvenção do comunismo. São Paulo: Boitempo, 2020.